

# “As mulheres sabem que no fundo estão só sobrevivendo”: violência e poder no ambiente doméstico no conto *As palavras por debaixo da porta*, de Monique Malcher

Rebeca Freire Furtado\*

<https://orcid.org/0000-0003-4692-2337>.

*Eu não me vejo na palavra  
Fêmea, alvo de caça  
Conformada vítima  
Prefiro queimar o mapa*

*Traçar de novo a estrada  
Ver cores nas cinzas  
E a vida reinventar*

*E um homem não me define  
Minha casa não me define  
Minha carne não me define  
Eu sou meu próprio lar*

Francisco, el Hombre, Triste louca ou má.

**Resumo:** Este trabalho objetiva analisar a violência e as relações de poder no ambiente doméstico no conto “As palavras por debaixo da porta”, inserido no livro *Flor de gume* (2020b), de Monique Malcher, vencedor do Prêmio Jabuti de 2021 na categoria de contos. A fim de trazer para o cerne da discussão a literatura produzida por mulheres no Brasil e, em especial, na Amazônia paraense, será possível vislumbrar, com esse estudo, que as autoras femininas rompem com as invisíveis barreiras construídas pelo patriarcado ao abordar a violência contra a mulher em suas obras.

**Palavras-chave:** Monique Malcher. Violência. Poder. Autoria feminina.

\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), na área dos Estudos Literários e bolsista CAPES. Graduação em Letras Língua Portuguesa e Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela mesma universidade. E-mail: [rebecafurtado@ufpa.br](mailto:rebecafurtado@ufpa.br).



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.  
[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR).

"As mulheres sabem que no fundo estão só sobrevivendo": violence and power in the domestic setting in the short story *As palavras por debaixo da porta*, by Monique Malcher

**Abstract:** This work aims to analyze violence and power relations in the domestic environment in the short story "As palavras por debaixo da porta", inserted in the book *Flor de Gume* (2020b), by Monique Malcher, winner of the 2021 Jabuti Prize in the short story category. In order to bring to the core of the discussion the literature produced by women in Brazil and, in particular, in Pará's Amazon, it will be possible to see, with this study, that female authors break with the invisible barriers built by patriarchy when approaching violence against women in their works. **Keywords:** Monique Malcher. Violence. Power. Female authors.

"As mulheres sabem que no fundo estão só sobrevivendo": violencia y poder en el ámbito doméstico en el cuento *As palavras por debaixo da porta*, de Monique Malcher

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es analizar la violencia y las relaciones de poder en el espacio doméstico en el cuento "As Palavras por debaixo da porta", inserto en el libro *Flor de gume* (2020b), de Monique Malcher, ganadora del Premio Jabuti 2021 en la categoría de cuentos. Al llevar al centro de la discusión la literatura producida por mujeres en Brasil y, en particular, en la Amazonía de Pará, será posible vislumbrar, con este estudio, que las autoras rompen con las barreras invisibles construidas por el patriarcado cuando abordar la violencia contra la mujer en sus obras.

**Palavras clave:** Monique Malcher. Violencia. Poder. Autoría femenina.

## Considerações iniciais

Em *Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea*, artigo de autoria de Regina Dalcastagnè (2002), a pesquisadora brasileira traz à luz a discussão sobre a ausência de espaços de fala e escuta dos sujeitos de grupos historicamente marginalizados, sobretudo no que diz respeito às suas poucas participações no meio literário brasileiro. Segundo a autora, os grupos marginalizados<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Os grupos marginalizados são entendidos por Dalcastagnè (2002) como aqueles que sofrem coletivamente com a valoração negativa advinda de um grupo dominante. Apontamos as mulheres, os pretos, indígenas, quilombolas, pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+, Pessoas com Deficiência, Nortistas, Nordestinos, dentre outros, como grupos historicamente marginalizados que sofrem o apagamento social no Brasil, conforme é possível perceber pelas pesquisas de Dalcastagnè (2002, 2005).

são comumente apagados, invisibilizados e silenciados no texto literário principalmente devido ao fato de grupos dominantes terem maior acesso aos espaços de fala e, conseqüentemente, representarem o “outro” pelo viés ou da romantização ou do preconceito.

Diante dessa concepção, Dalcastagnè (2002) afirma que “[...] o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles” (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 34), uma vez que os espaços de fala são cruelmente monopolizados e as particularidades e vivências de grupos plurais não são levadas em consideração. Assim, com as contribuições da autora, é possível afirmar que cada vez mais se faz necessário questionar as representações literárias feitas dos grupos marginalizados, principalmente por pontos de vista outros.

Em outra pesquisa, Dalcastagnè (2005) apresenta os resultados de um estudo que buscou mapear o perfil das personagens de 258 romances publicados entre os anos de 1990 a 2004. Nos dados levantados, ela aponta que o perfil do escritor brasileiro contemporâneo é predominantemente masculino, branco, com escolaridade superior e pertencente aos centros urbanos brasileiros, o que acaba ratificando a ideia de que há a ausência de grupos mais variados na literatura brasileira. Apesar disso, já é possível notar que essa realidade tem sido alterada nos últimos anos, com o surgimento de novas vozes que já são ouvidas, lidas e assistidas no país, como é possível observar na antologia *Geração 2010: o sertão é o mundo* (2021), que conta com vinte e cinco escritores brasileiros que publicaram obras entre os anos de 2010 a 2020 e que se aproximam por estarem distantes dos centros de poder do país. O importante a se observar na antologia em questão, é a heterogeneidade dos seus escritores que se difere das antologias das gerações das décadas anteriores, a citar a *Geração 90: manuscritos de computador* (2001) e *Geração Zero Zero: fricções em rede* (2011), em que a maioria esmagadora dos autores eram homens brancos dos centros urbanos do país. Assim, *Geração 2010: o sertão é o mundo* (2021) é uma obra plural que pretendeu abarcar diferentes vozes da literatura brasileira contemporânea, como mulheres, indígenas, pretos, nordestinos, nortistas, pessoas da comunidade LGBTQIA+, dentre outros.

Entre os escritores do livro citado, deparamo-nos com Monique Malcher, escritora paraense do Baixo Amazonas que tem publicado nos últimos anos e que tem

rompido as invisíveis barreiras construídas pelos grupos hegemônicos que tendem a ignorar os textos de autoria feminina e do Norte do país. Vale notar que a última escritora paraense a receber o Prêmio Jabuti, premiação importante para a área da literatura, foi Olga Savary (1933-2020), que ganhou, em 1971, o prêmio de Literatura adulta (Autor Revelação) por *Espelho provisório* (1970). Foi somente cinquenta e um anos depois que uma autora paraense levou novamente o prêmio: Monique Malcher, em 2021, com o livro *Flor de gume* (2020b), na categoria de contos. A distância temporal entre as duas premiações evidencia a invisibilização que não só as escritoras femininas da região amazônica constantemente sofrem, mas também aqueles que estão fora do eixo Rio-São Paulo, como é o caso da produção feminina no Nordeste, por exemplo. Assim, Monique Malcher conseguiu se tornar uma das escritoras que saiu de um lugar de exclusão e reivindicou seu espaço no meio literário brasileiro.

Nascida em 1988 no interior do estado do Pará, em Santarém, Monique Malcher é formada em jornalismo e exerce a profissão de escritora e artista plástica. Enquanto escritora, começou a fazer sua escrita circular de forma independente com a publicação das zines *Trinstona* (2018), *Mas nem peixe?* (2019), *Aquenda* (2020a) e *Tropical* (2021a). Em 2020, publica o livro *Flor de gume* pela Editora Jandaíra e com esta obra venceu o Prêmio Jabuti de 2021 na categoria *Contos*. Participou, além disso, de algumas antologias, como *Geração 2010: o sertão é o mundo* (2021), *Abrindo a boca, mostrando línguas* (2021), *Trama das águas* (2021b) e *Antes que eu me esqueça* (2021).

Em *Flor de gume* (2020b), obra utilizada como *corpus* deste estudo, a autora expõe a crueldade das violências cometidas contra as mulheres em espaços diversos, mas principalmente no ambiente doméstico. Majoritariamente narrado por uma voz feminina, *Flor de gume* é dividido em três partes, intituladas, respectivamente, “Os nomes escritos nas árvores, os umbigos enterrados no chão”, “Quando os lábios roxos gritam em caixas de leis herméticas” e “O reflorestar do corpo, o abandonar das pragas”. Em cada uma das partes, nos são apresentadas personagens femininas em contextos dolorosos e traumáticos, em que o algoz não é apenas uma figura qualquer, mas o próprio pai, marido ou filho.

Malcher não fala em nome do outro, como frequentemente ocorre na literatura brasileira (DALCASTAGNÈ, 2002), mas sim de acordo com a sua vivência enquanto

mulher e a partir da recolha de relatos de figuras femininas que sofreram violências, especialmente suas avós. Com isso, podemos pensar o *Flor de gume* como uma obra de autoficção, não por tentar reproduzir a realidade, tendo em vista a impossibilidade de representar com fidelidade o real (PERRONE-MOISÉS, 2016), mas por ter como ponto de partida as experiências, memórias e escutas de Monique, sem se desvincular do pacto ficcional entre a autora e seus leitores.

Neste sentido, este artigo apresentará uma análise acerca da violência e as relações de poder no ambiente doméstico no conto *As palavras por debaixo da porta*, de Monique Malcher, considerando a importância de se estudar obras de autoria feminina. O trabalho será alicerçado teoricamente pelos estudos de Elaine Showalter (1994), Regina Dalcastagnè (2002), Michelle Perrot (2007), Heleieth Saffioti (2015), bell hooks (2018), entre outros. Para tanto, iremos expor nas partes abaixo algumas considerações acerca das relações de violência e poder no espaço doméstico, além da análise literária do conto escolhido.

### **Violência e relações de poder no ambiente doméstico: algumas considerações**

Para analisar a violência e o poder no ambiente doméstico presentes no conto *As palavras por debaixo da porta*, é imprescindível refletirmos sobre o aspecto determinante que delinea as relações entre os seres sociais: o patriarcado. O patriarcado é compreendido pela socióloga brasileira Heleieth Saffioti (2015) como um sistema de opressão e dominação do homem sobre a mulher e seus filhos que “[...] se baseia no controle e no medo, atitude/sentimento que formam um círculo vicioso” (SAFFIOTI, 2015, p. 129). Neste sentido, é estabelecida uma hierarquia no seio familiar, em que a mulher é socializada para ser submissa e o homem para exercer sua força e autoridade:

As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem (SAFFIOTI, 2015, p. 37).

As práticas de socialização da mulher, conforme assinala Saffioti (2015, p. 37) no trecho acima, auxiliam na constituição de uma identidade feminina construída pela opressão e silenciamento. O exercício do poder<sup>2</sup> masculino, em especial aquele praticado dentro do ambiente doméstico, não é apenas um ataque à mulher enquanto mãe e esposa, mas também enquanto ser social, uma vez que, segundo Michelle Perrot (2007, p. 17), “[...] em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas”, ao passo que os homens são indivíduos que utilizam até mesmo a violência como prática de manutenção do poder sobre a esposa e dos filhos.

Portanto, estamos de acordo com Gayatri Spivak (2010, p. 85) quando afirma que a mulher, dentre os sujeitos subalternos, é a que está em maior desvantagem, uma vez que o patriarcado está emaranhado nas relações sociais e acaba por criar padrões de comportamento. Por isso, se o sujeito subalterno não pode falar, como Spivak (2010) afirma, isso se intensifica ainda mais quando se trata do sujeito feminino.

Importante destacar que as consequências do patriarcado são devastadoras tanto para as mulheres quanto para os homens, pois os dois precisam assumir atitudes que lhe são esperadas. A mulher é empurrada a construir a sua própria imagem como dócil e submissa, já o homem deve agir com agressividade, força e masculinidade. Apesar disso, são eles que usufruem diretamente dos benefícios deste sistema, a começar pela utilização da violência contra as mulheres.

Neste trabalho, a violência é compreendida como um mecanismo utilizado para a manutenção do exercício do poder masculino e vai além da agressão física, situando-se, também, nos campos da agressão emocional, moral e sexual, ou seja, capaz de violar os direitos das mulheres (SAFFIOTI, 2015). A violência psicológica, também nomeada como violência simbólica ou emocional, é definida por Pierre Bourdieu (2012) como uma violência invisível, já que não deixa marcas no corpo, mas no psicológico da mulher. Sobre esse assunto, optamos por utilizar o termo violência patriarcal ao invés de violência doméstica, considerando que a violência doméstica pode ser exercida tanto por

---

<sup>2</sup> Segundo Saffioti (2015, p. 13), apesar de o poder não ser um objeto possível de ser apropriado, mas sim algo que flui, o pacto existente entre os homens no patriarcado faz com que a dominação sobre as mulheres se mantenha.

homens quanto por mulheres no espaço do lar. Em contrapartida, o termo violência patriarcal é elucidado por bell hooks, em *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2018), da seguinte maneira:

Essa definição estendida de violência doméstica inclui a violência de homens contra mulheres, a violência em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo e a violência de adultos contra crianças. É útil porque, diferentemente da expressão “violência doméstica”, mais comum, ele constantemente lembra o ouvinte que violência no lar está ligada ao sexismo e ao pensamento sexista, à dominação masculina. Por muito tempo, o termo “violência doméstica” tem sido usado como um termo “suave”, que sugere emergir em um contexto íntimo que é privado e de alguma maneira menos ameaçador, menos brutal, do que a violência que acontece fora do lar. (HOOKS, 2018, p. 74).

Como exposto acima, o termo “violência patriarcal” pode ser utilizado para se referir à violência exercida no espaço do lar por uma figura masculina, normalmente o pai contra seus filhos. Para hooks (2018, p. 75), as crianças não são agredidas somente quando são o alvo direto da violência cometida pela figura masculina, mas também quando presenciam situações de violência dentro de suas casas, como é o caso das agressões sofridas pelas suas mães e avós.

Apesar dos estudos citados não versarem sobre o texto literário, é possível observar que muitos aspectos vividos pelo gênero feminino em sociedade se transportam para o campo literário, uma vez que estamos inseridos em uma cultura patriarcal. Portanto, é preciso reconhecermos que não há escrita ou crítica isenta de uma estrutura dominante (SHOWALTER, 1994), pois as nossas experiências são marcadas, principalmente, pela vida em sociedade. Desse modo, iremos apresentar abaixo a análise do conto de autoria feminina da escritora paraense Monique Malcher, focalizando nos aspectos da violência e das relações de poder no ambiente doméstico, em que o personagem masculino da narrativa dispõe de mecanismos variados de controle e manipulação dentro do lar, marcando a trajetória das personagens femininas, consolidadas na dor e no trauma.

### ***As palavras por debaixo da porta: uma representação da violência sofrida pela mulher no ambiente doméstico***

*As palavras por debaixo da porta* é um conto da primeira parte de *Flor de gume*, intitulada *Os nomes escritos nas árvores, os umbigos enterrados no chão*. Nele, temos acesso a um ambiente doméstico em que a figura paterna exerce seu poder e autoritarismo sobre a esposa e filha, fazendo com que as duas adoeçam mentalmente e passem a lidar diariamente com a dor e o trauma.

A voz que narra é de Silvia, Silvinha, “carinhosamente” apelidada pelo pai como um mecanismo de manipulação disfarçada de afeto, uma menina que foi levada a entender desde muito cedo as questões que norteiam o universo feminino: “[...] tinha onze anos, às vezes me esqueço que sentia tanto com tão pouco tempo no mundo. Dizem que as meninas amadurecem cedo, mas ninguém me ensinou, apenas precisei.” (MALCHER, 2020b, p. 40-41). Precocemente, Silvia precisou romper o cordão umbilical invisível com a mãe, lançada brutalmente em direção a uma maturidade que ainda não era o tempo de desabrochar. Enquanto outras crianças brincam e se divertem nas ruas das cidades, Silvia é obrigada a entender o porquê de as meninas precisarem amadurecer desde cedo, uma vez que essa descoberta se dá tanto vivenciando quanto observando dentro de casa a relação de poder e dominação existente do pai sobre a mãe e sobre ela mesma.

No conto, a violência cometida pelo pai assume diferentes facetas, mas principalmente são recorrentes as formas da violência física e da violência psicológica, as duas em uma tentativa de manutenção de uma relação hierárquica e do exercício do poder do homem no local do lar. Sobre a primeira delas, a violência física, observemos a cena abaixo:

A porta entreaberta. Uma criança que precisava em desespero de um farol. Os comentários baixinhos sobre a novela que iam se transformando em gigantes. Rompiam-se as barragens, de repente, nasciam os gritos com pedidos de socorro. Não era tragédia, era crime. Todos os dias não sabia o que fazer comigo mesma, procurava formas diversas de me tornar a Silvia surda, porque doía imaginar o que os gritos eram. Tinham imagem, rosto. O sofrimento não é desastre natural, ele é arquitetado por quem tem poder. (MALCHER, 2020b, p. 39).

No trecho acima, Silvia narra uma cena dolorosa que aparenta ser recorrente: uma rotineira conversa sobre a novela entre seus pais se tornava um crime. A figura masculina parece exercer tanto controle sobre a esposa que uma simples opinião emitida por ela poderia ser o suficiente para que a violência viesse e marcasse a relação hierárquica dentro do lar. A porta, curiosamente entreaberta e não fechada, assinala a falta de remorso e a normalidade da agressão vinda pelo homem, que não se preocupa se os outros poderão ouvir os gritos da esposa, pois socialmente “[...] bater na mulher é uma prática tolerada, admitida, desde que não seja excessiva. Se os vizinhos escutam os gritos de uma mulher maltratada, não interferem.” (PERROT, 2007, p. 47). Aqui, a narradora relaciona os crimes de ordem ambiental com a violência contra a mulher, tendo em vista que os dois não são desastres, mas sim que foram arquitetados pelos homens e os poderes por eles exercidos. A porta entreaberta, além disso, possibilita que a criança tudo escute, desde os primeiros comentários sobre a novela até os gritos de socorro da mãe. A menina se encontra adoentada psicologicamente e busca saídas para lidar com o trauma, tornando-se surda nos momentos de agressão para não encarar a cruel realidade.

O trauma faz parte da construção identitária da menina Silvia no momento da infância e se manifesta, também, nas fases posteriores. No período de menina, da quinta à oitava série, escrevia cartas para um garoto esnobe da escola, como se fosse capaz de salvar os homens, em um ato de culpa e autopunição consigo mesma pela atitude do pai. Já adulta, a personagem busca involuntariamente relações sexuais em que há o exercício do poder e da violência por parte do outro, em uma tentativa de normalizar e compreender o ato violento como uma forma de prazer (MALCHER, 2020b). Podemos pensar a associação da violência ao prazer como um reflexo do trauma adquirido pela personagem, que, mesmo não sofrendo violência física por parte do pai, via dentro de casa a mãe sofrer agressões. E, ela mesma, também sofria outro tipo de violência, a violência psicológica.

De acordo com Saffioti (2015, p. 79), “[...] as violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente”. No conto, a violência emocional, também chamada de violência psicológica, tem como ponto de partida principalmente a

manipulação do pai para com a esposa e a filha. Silvia se vê em um fogo cruzado dentro de casa:

– Ela tá desequilibrada, vai passar, volta pro quarto, filha – falou rindo e com calma.

Eu ia me afastando da lágrima da minha mãe, cada vez mais magra e sem forças pra lutar. Ouvia aquele grito de raiva e choro, aceitava meu medo, e fingia acreditar que era isso mesmo, ela estava enlouquecendo enquanto mordida a mão dele.

– As mulheres da família da tua mãe são todas loucas ou morreram de retardo, aquela tua tia que tu ama toma cartelas e cartelas de remédio. Tua mãe não tem a mínima condição de cuidar de ti, pra começar ela nunca te quis. Te cuida, que tu tem esse sangue. Então, Silvinha, alguém precisa ser controlado nessa casa – disse enquanto segurava mamãe por trás, no que chamam de abraço de urso. (MALCHER, 2020b, p. 39-40).

É possível perceber que, na cena narrada por Silvia, o pai exerce seu poder e violência tanto contra a esposa quanto contra a filha. A forma de falar, rindo e com calma, e as palavras dirigidas à menina são utilizadas como forma de manipulação, disfarçadas de carinho e afeto, a começar pelo apelido supostamente carinhoso, Silvinha, e o fato de se referir à personagem como “filha”. A figura masculina finge aconselhar a criança a se preocupar com a sua saúde mental, porque todas as mulheres da família, segundo ele, eram loucas.

O ato de atribuir loucura às mulheres da família é empregado pelo pai como uma prática de violência psicológica como forma de manter o exercício do poder dentro de casa. Em 1924, a feminista e anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura (1887-1945) publicou o livro *A mulher é uma degenerada*, em resposta a uma série de colocações feitas pelo psiquiatra português Miguel Bombarda (1851-1910), que publicou no final do século XIX o livro *Lições sobre a epilepsia e as pseudo-epilepsias* (1896), livro este em que ele afirma que a mulher possui uma construção cerebral defeituosa, anomalias mentais e, por isso, é inferior psiquicamente aos homens (MOURA, 1982). Pensamento semelhante ocorre no conto de Monique Malcher pela perspectiva do personagem masculino: para ele, a esposa é louca, desequilibrada e inferior psicologicamente, mesmo que o corpo dela manifeste o adoecimento físico e mental causado por ele; ele, em contrapartida, é aquele que está apenas controlando a ordem da casa, conservando a hierarquia entre homens e mulheres. Mesmo perdendo as forças de lutar, a mulher busca formas de resistir e se desvencilhar das mãos do marido.

Ao final do conto, Silvia relembra que olhava compulsivamente as fotografias de casamento de seu pai e sua mãe, que, para ela, parecia uma lembrança de que em algum momento da relação dos dois existiu amor. A sua foto favorita é uma em que os seus pais estão dentro de um táxi, acenando pela janela de trás. A personagem, como quem ainda tenta compreender o ciclo de violência dentro de casa, sonha que “[...] talvez se mamãe se esforçasse, seguindo meu exemplo de acreditar no amor, eles poderiam ser felizes” (MALCHER, 2020b, p. 40), atribuindo a responsabilidade do casamento à mãe, reflexo da manipulação psicológica do pai. Na cena seguinte, a menina vê a mãe queimando a foto no quintal e a sua genitora lhe diz o seguinte:

– Sabe, naquele dia minha mãe disse que eu podia desistir, mas era tarde. – Cutucava o fogo. – Estava aprisionada naquele vestido, com um batom rosa, eu estava pálida, cor de morte, mas pensava que a gente não iria conseguir. – Respirou fundo. – As mulheres sabem que no fundo estão só sobrevivendo. – Eu e você que não íamos conseguir, mãe? – perguntei, triste. – Não, a outra criança – tocou na barriga – que eu nunca vi o rosto – disse, já entrando em casa. (MALCHER, 2020b, p. 41-42).

A única fala da mãe de Silvia em todo o conto é no trecho acima, sendo essa uma forma de evidenciar o silenciamento sofrido em sua trajetória. Quando narra o ocorrido do passado, as suas palavras carregam muita dor. A respiração profunda, o toque na barriga e o abandono da conversa mostram quantas dores foram carregadas por essa personagem, que é levada a conviver com seu algoz. A fotografia agora queimada recorda um momento de apatia dessa mulher e o seu próprio corpo lhe faz lembrar da violência sofrida e do filho perdido. Ela queima a foto como quem tenta apagar um passado e um presente de agressões, em uma tentativa de se libertar daquele momento do casamento em que estava sendo aprisionada. Vale destacar que um dos pontos importantes na construção da menina Silvia é a expectativa criada em relação ao amor, já que ela chega a narrar que treinava seus primeiros beijos nos bichinhos de pelúcia que tinha, além de escrever frases e poemas de amor escondido em seu caderno. Por isso, parece haver certa desconexão entre a expectativa criada pela menina e a realidade vivida e vista em sua casa.

É possível pensar, além disso, que a forma narrada pela personagem possibilita refletirmos sobre a perda do filho. Dessa forma, segundo Perrot (2007, p. 76), “[...] o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado,

muitas vezes roubado [...]” e, apesar de estarmos nos referindo a uma personagem, é possível dizer que a mãe de Silvia também tem seu corpo violado, pois acaba perdendo o filho, possivelmente a partir de uma violência. O leitor não tem maiores informações do ocorrido, contudo somente o narrado pela personagem já é o suficiente para se ter uma noção de uma história de opressão e resiliência, tendo em vista que ela não possuía outra escolha senão ser forte. Após essa cena, o conto se encerra da forma seguinte:

Nessa noite foi difícil dormir, o medo da escuridão era real. Precisava muito da porta entreaberta, da luz acesa. O medo talvez não fosse do breu, mas de não poder ouvir os gritos, ver as lutas. Algumas vezes queria interferir, outras recuava, e não era estratégia. Na escuridão também aconteciam coisas das quais nenhuma mulher se recupera, a porta do quarto deles estava quase sempre fechada, como faziam silêncio em alguns momentos não parecia urgente me preocupar, mas eu sentia que era o inferno entre quatro paredes. Sentia que eu era fraca por não interferir.

Aprendi a enxergar na escuridão, dentro das caixas e caixões, sou a adulta que fecha a porta, apaga a luz e dorme sozinha banhada em sangue de louca. (MALCHER, 2020b, p. 42).

Agora, a porta já não está mais entreaberta, não é mais possível ouvir e visualizar o que acontece no espaço privado do lar, nem para Silvia, nem para os leitores. A claridade dá lugar ao desconhecido da escuridão, que passa a fazer companhia à menina, que tinha medo enquanto criança, mas como adulta aprende a enxergar, em um ato de sua própria resistência, em nome de sua mãe e das mulheres da família.

## Considerações finais

A partir da análise literária aqui depreendida, é possível perceber a importância do estudo no meio acadêmico de obras escritas por mulheres, principalmente daquelas que estão inseridas em espaços menos privilegiados, como é o caso da região Norte do país. Com este trabalho, pretendeu-se evidenciar como a relação de poder no ambiente doméstico é construída pela perspectiva de uma autora feminina que tem sua vivência como mulher e que já viu e ouviu relatos de outras mulheres que sofreram violências. Ao contrário de muitos escritores que tentam falar em nome do “outro”, Monique

consegue representar as experiências femininas com o cuidado necessário, mesmo que as temáticas abordadas sejam densas, como é o caso das violências sofridas no seio familiar.

Portanto, em *As palavras por debaixo da porta*, Monique Malcher rompe com invisíveis barreiras fortemente alicerçadas por grupos hegemônicos na sociedade brasileira ao construir uma narrativa carregada de dor e violência, que tem como pressuposto a relação de poder existente no ambiente doméstico. A escritora não é determinista ao descrever as práticas abusivas cometidas contra a subjetividade feminina, mas sim utiliza de seu lugar de fala enquanto uma autora feminina para trazer à discussão uma temática urgente: as formas de manutenção do exercício do poder as quais os homens recorrem, sejam elas a partir de violências físicas e/ou psicológicas. Vale destacar que a complexidade do conto e a potencialidade da escritora em questão não se restringem apenas à temática aqui discutida, mas também em decorrência das escolhas narrativas, sobretudo pelas projeções imagéticas, a subjetividade por trás da narração da menina Silva e a linguagem metafórica que nos possibilita diferentes interpretações. Assim, é somente devido à linguagem literária da autora que essas questões podem ser acionadas.

Dessa forma, podemos perceber que a história narrada por Silvia poderia ser, também, a história de muitas meninas e mulheres que convivem com a violência dentro de seus lares, o que nos mostra a interdisciplinaridade presente no conto. O agressor, nesta narrativa, não é uma figura desconhecida, muito pelo contrário, é um membro da família que utiliza da herança do patriarcado para exercer seu poder sobre a mulher e a filha, causando-lhes traumas físicos e psicológicos e fazendo com que elas busquem mecanismos diversos para lidar com a dor da violência, seja aprendendo a enxergar no escuro, fazendo-se de surda, queimando uma fotografia ou se permitindo soltar o grito.

## REFERÊNCIAS

- BOMBARDA, Miguel. **Lições sobre a Epilepsia e as Pseudo-Epilepsias**. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1896.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRITTO, Milena (Org.). **Abrindo a boca, mostrando línguas**. Paralelo13s, 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira contemporânea**, Brasília, n, 20, 2002, p. 33-87. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9705> Acesso em: 25 jun. 2022.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 26, jul.-dez., p. 13-71, 2005. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123/1687> Acesso em: 15 fev. 2018.
- FRANCISCO, EL HOMBRE. Triste, louca ou má. **Soltasbruxa**. São Paulo: Navegantes, 2016.
- GIACOMO, Fred Di (Org.). **Geração 2010: o sertão é o mundo**. São Paulo: Reformatório, 2021.
- HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução: Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- MALCHER, Monique. **Trinstona**. [s.l.]: [s.n.], 2018.
- MALCHER, Monique. **Mas nem peixe?** [s.l.]: [s.n.], 2019.
- MALCHER, Monique. **Aquenda** [s.l.]: [s.n.], 2020a.
- MALCHER, Monique. **Flor de gume**. São Paulo: Pólen, 2020b.
- MALCHER, Monique (Org.). **Trama das águas**. São Paulo: Monomito Editorial, 2021a.
- MALCHER, Monique. **Tropical**. [s.l.]: [s.n.], 2021b.

MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

OLIVEIRA, Nelson (Org). **Geração 90**: manuscritos de computador. São Paulo: Boitempo, 2001.

OLIVEIRA, Nelson (Org). **Geração Zero Zero**: fricções em rede. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org). **Tendências e Impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SOUTELLO, Gabriela (Org.). **Antes que eu me esqueça**: 50 autoras lésbicas e bissexuais hoje. Quintal Edições, 2021.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Almeida, Marcos Feitosa e André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 22/03/2023.

Aprovado em 22/06/2023.